CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Correspondências - Rita Azevedo Gomes | Realizadora Convidada
18 de Novembro de 2026

DANSES MACABRES, SQUELETTES, ET AUTRES FANTAISIES / 2019

um filme de Rita Azevedo Gomes, Jean Louis Scheffer, Pierre Léon

Realização e Argumento: Rita Azevedo Gomes, Jean Louis Scheffer, Pierre Léon / Baseado em *Squelettes et autres fantaisies,* de Jean Louis Schefer / Imagem: Acácio de Almeida / Música: Kurt Weill, Wolfgang Amadeus Mozart, Hugues Cuénod, Guillaume de Machaut / Montagem: Pierre Léon / Com: Jean-Louis Scheffer, Pierre Léon, Acácio de Almeida, Rita Azevedo Gomes, Pierre Léon. Renaud Legrand, Joana Fernandes, Cristina Sousa Vaz.

Produção: Barberousse Films / Basilisco Filme (França, Portugal, Suíça, 2019), Consuelo Frauenfelder, Rita Azevedo Gomes, François Martin Saint Léon / Cópia DCP, cor, falada em francês e legendada electronicamente em português / Duração: 110 minutos / Primeira apresentação pública em Portugal: 21 de outubro de 2019, Doclisboa / Primeira exibição na Cinemateca.

com a presença de Rita Azevedo Gomes e Pierre Léon

"Quando relembro as nossas conversas destes últimos dias seria difícil afirmar que existe uma relação temática entre as *Danças Macabras*, um quadro de Bosch, o retrato de Hélène Fourment, a bela paisagem de uma folhagem densa de Fragonard, as *danças macabras*, que regressam como um tipo de verso enigmático, e as gravuras pré-históricas no Vale de Côa que são curiosas pela sua economia, pela sua brevidade. Não existe uma ligação, mas pode existir uma relação, que vejo da seguinte maneira: É uma conversa que conduzimos, e as conversas criam amizades. Incentivam algo muito estranho e passageiro. O que se faz durante uma conversa? Esboça-se um quadro que nunca será pintado. Começa-se um livro que não será escrito; mas algo continua ali, suspenso, que é, basicamente, como poderei dizer, uma coisa de um valor extraordinário para mim, que é, a profundidade das amizades, e a aquiescência desse passeio por mundos improváveis onde nos encontramos.

Perante dois ouvintes (Rita Azevedo Gomes e Pierre Léon) Jean-Louis Schefer resume as conversas que mantiveram ao longo de vários dias que passaram juntos, pelo que é desde o início de **Danses Macabres** que ficamos presos ao prazer de ouvir o seu pensamento correr, prazer partilhado com os amigos, que com ele dialogam, mas cuja fruição total não se coaduna com o fluxo incessante de um filme visto em sala de cinema. Posteriormente (já face a um outro ecrã) voltamos a tal monólogo – é um momento de monólogo que se reproduz, embora inscrito numa conversa – e paramos para melhor o ouvir, e para aqui o citar, pois cada palavra conta. No excerto que acima se reproduz perdemos o poder da oralidade, assim como a naturalidade com que são proferidas tais palavras, que não cessam de nos interpelar. Em plano-sequência, ao longo de sete minutos e sem interrupção filma-se o cristalino discurso de Jean Louis Schefer, filósofo e historiador de arte (1938- 2022), autor de alguns dos mais belos textos sobre cinema.

No nosso caso foi pelos seus textos que tudo começou, e certamente também o terá sido para Rita Azevedo Gomes, que numa edição-livro realizada a propósito do filme, com o título do mesmo (Les Éditions de L'Oeil/La Traverse, 2023), num texto a que chamou "Jean Louis Schefer nous Parle – Quelques notes dans l'enthusiasme pour un project de film", refere como uma conversa com Schefer "nos faz entrar num espaço que nos dá a ver como o próprio pensamento pode ser uma forma de criação, de criatividade inesgotável.", que preserva "uma espécie de infância do mundo." A insistência do próprio pensamento de Schefer na noção de infância (que está sempre muito presente no modo como olha o cinema, e como olha as imagens, ou recorrendo à sua importante formulação, que provoca uma inversão nos termos, já que para Schefer são as imagens que nos olham e explica-o de modo muito claro no filme), mas também a

ideia de um entendimento extensível do que é um "acto de criação", que se estende ao próprio modo de olhar e de pensar o mundo, e que é partilhado por Schefer com outro grande filósofo da contemporaneidade como Gilles Deleuze, que como ele é autor de importantes escritos sobre cinema, são algo que atravessa um filme verdadeiramente inspirado pelas suas ideias, ampliadas pelos elementos que com elas são postos em relação e que as pontuam, como se tratassem de intervalos para deixar o pensamento respirar. Não nos referimos apenas às gravuras e às pinturas de que Schefer fala (que mais à frente vemos nas imagens), mas sobretudo aos excertos de filmes, ou as músicas que ouvimos. O prazer associado à leitura de muitos dos textos de Schefer surge aqui ampliado pelo prazer de assistir a um fluxo ininterrupto de ideias, que se materializam num discurso directo e sem pausa, em que a montagem é interdita, mesmo se interrompido por pequenos acasos do quotidiano.

Na já referida edição em livro (que também é um DVD), Rita descreve o seu primeiro encontro com Schefer no Convento da Arrábida no início dos anos 2000, quando na altura este comissariou com João Bénard da Costa um seminário associado a um grande Ciclo dedicado ao "Cinema e Pintura". O ciclo e as conferências deram origem a uma das mais belas edições da Cinemateca, de que Rita Azevedo Gomes foi responsável gráfica. Um encontro que uns anos mais tarde seria complementado por outro encontro com o cineasta e crítico Pierre Léon, o terceiro vértice deste filme, em que Rita se propõe filmar uma conversa entre esses dois amigos, como modo de compreender melhor "a história, o homem, e um pouco de nós mesmos." E é isso que acontece, um filme que poderiam ser vários, cujo ponto de partida é a partilha de uma amizade e de um modo de ver o mundo e a história.

Mas o ponto de partida será ainda a figura das "danças macabras", que Schefer analisa na sua relação com a história, assim como a pintura do flamengo Hieronymus Bosch, "As Tentações de Santo Antão", filmada no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, e as gravuras rupestres de Foz Côa, que Schefer fez questão de revisitar, um "capricho" que se revela como um posfácio ao filme. Talvez por falarmos de Bosch, pensamos em Jean Eustache e no seu **Le Jardin des délices de Jérôme Bosch** (1980) em que Jean-Noël Picq apresenta uma leitura pessoal da obra do pintor, acompanhado por vários convidados que o ouvem. Aí, como em **Danses Macabres**, em vez de um documentário mais tradicional, o filme aposta na palavra falada e na observação, centrando-se o filme de Eustache nos detalhes da pintura. Contudo em **Danses Macabres** o modo como se filma a pintura é outro pois, por muito que por vezes tenhamos a vontade de nos aproximar do detalhe, tal desejo é frustrado, mesmo quando Schefer alude à necessidade de filmar "o impossível".

Schefer está quase sempre no centro da imagem (por vezes tal é literal, quando as suas costas recobre as pinturas de que fala), captando-se as hesitações do seu discurso, as variações de intensidades e do timbre da sua voz, mas também os breves momentos em que quebra o seu fluxo de pensamento para interagir com os pequenos acontecimentos que os rodeiam. É também numa casa da Arrábida (com vista para o mar, mas também para o já referido Convento) que a maior parte das conversas se passam. Mas nem tudo se revela: "É bom haver coisas que não compreendemos. É isso que é interessante, permanecer no enigma". Para que servem as imagens? **Danses Macabres** no modo como analisa a figuração/representação da dança da morte na sua relação com a Peste Negra e da invenção da Europa Moderna dá-nos algumas respostas. Mas é Rita Azevedo Gomes que chega ao âmago da questão quando alude a uma relação visceral com a pintura, as tais imagens que olham a nossa infância, de que fala, e sobre as quais tanto escreveu Jean-Louis Schefer, naquele que poderá ser visto como o seu filme-testamento, em que tanto de fala de pintura, de história, de cinema, Virginia Woolf ou James Joyce: "A História é um pesadelo de que não acordamos". Um pensamento povoado por sonâmbulos e por esqueletos sempre em movimento, que rima com o movimento que encontra na iconografia que sempre o fascinou.

Joana Ascensão